

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
MAIARA SCHWANKE

**RESSIGNIFICANDO A INSERÇÃO DA MULHER NOS CURSOS TÉCNICOS DE
MECÂNICA E ELETROTÉCNICA.**

Florianópolis

2016

MAIARA SCHWANKE

**RESSIGNIFICANDO A INSERÇÃO DA MULHER NOS CURSOS TÉCNICOS DE
MECÂNICA E ELETROTÉCNICA.**

Trabalho de Conclusão de Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola vinculado ao Instituto de Estudos de Gênero do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Orientadora: Janine Gomes da Silva

Florianópolis

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Schwanke, Maiara
RESSIGNIFICANDO A INSERÇÃO DA MULHER NOS CURSOS TÉCNICOS
DE MECÂNICA E ELETROTÉCNICA. / Maiara Schwanke ;
orientadora, Janine Gomes da Silva - Florianópolis, SC,
2016.
45 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1. Ciências Humanas. 3. Gênero. 4. Educação . 5. Ensino
Técnico. I. Silva, Janine Gomes da. II. Universidade
Federal de Santa Catarina. Gênero e Diversidade na Escola.
III. Título.

MAIARA SCHWANKE

RESSIGNIFICANDO A INSERÇÃO DA MULHER NOS CURSOS TÉCNICOS
DE MECÂNICA E ELETROTÉCNICA

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Aprovado em 09 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:



Olga Regina Zigelli Garcia

Banca Examinadora:



Jair Zandoná



Cláudia Cristine Moro

AGRADECIMENTOS

Quero iniciar com palavras já expressas por mim, ao concluir o trabalho de conclusão de curso da minha primeira graduação e que remetem a minha construção: “Agradeço primeiramente a Deus pelo amparo e proteção, me iluminando ao longo do caminho, por ter-me colocado numa família muito especial, por ter-me permitido vivenciar as mais diversas situações, possibilitando o meu crescimento”! E a partir disso, expressar minha profunda gratidão aos que estiveram ao meu lado, neste processo de desconstrução para reconstruir, como costumávamos dizer nas aulas, e que retratam perfeitamente minha vivência durante o curso, me fazendo dar um sentido novo a tudo.

Agradeço imensamente a tutora presencial Claudia Cristine Moro, que além de tutora é minha colega de trabalho e minha inspiração nas lutas contra as desigualdades de gênero, que tens me proporcionado conhecimentos ímpares, através do seu engajamento na busca por uma sociedade mais justa e do bem!

Minha gratidão especial aos colegas da Turma Ana Alice Costa, pela partilha de saberes e vivências de vida, que tornaram o aprendizado significativo. Ainda, aos professores e tutores a distância, que nos fizeram imergir num propósito muito maior que o fato de concessão de um diploma, sempre empenhados em desenvolver o melhor curso de especialização, e foi o melhor curso!

Deixo ainda, um especial agradecimento ao SENAI Concórdia, através do diretor Volnei Cesar Magedans, por permitir o desenvolvimento da pesquisa de conclusão de curso neste espaço, utilizando o nome da instituição.

Registro ainda, um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina.

Agradeço, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate à fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, principalmente depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com

temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

RESUMO

Resumo: A educação brasileira na sua totalidade, sempre foi caracterizada pelas desigualdades de gênero, entre outros fatores como classe social e raça, acentuando as diferenças, e no ensino técnico profissionalizante não aconteceria o contrário. Ainda hoje, a presença feminina é restrita em algumas áreas do ensino técnico brasileiro. Diante disso, este estudo buscou compreender a inserção da mulher nos cursos técnicos de mecânica e eletrotécnica no SENAI, uma instituição de ensino técnico profissionalizante. Para tanto, utilizou-se a Análise do Discurso para transcrever e interpretar os relatos trazidos pelas participantes da pesquisa, ex-alunas, concluintes dos referidos cursos técnicos no período de 2011 a 2016. Também foram utilizados dados quantitativos para evidenciar a baixa inserção do gênero feminino nos cursos técnicos do SENAI. A partir disso, em meio a uma perspectiva sociocultural, foi possível perceber a influência das relações de poder que regulam a sociedade, e conseqüentemente a educação, contribuindo para a reprodução marcante das desigualdades de gênero. Ainda, foi possível denotar discursos um tanto animadores em relação a superação das desigualdades de gênero, desconstruindo modelos sociais impostos, mas em contraponto, percebeu-se a existência de práticas discriminatórias que passam despercebidas aos olhos dos indivíduos, devido ao fato de não serem entendidas como ações discriminatórias de gênero, pois estão enraizadas e são expressas de forma inconsciente ou oculta. Fica evidente a lentidão das mudanças ocorridas, devido aos processos de desconstrução de conhecimentos e valores aprendidos, entretanto não é impossível.

Palavras-chave: Gênero. Educação. Ensino Técnico.

ABSTRACT

Abstract: Brazilian education as a whole, has always been characterized by gender inequalities, among other factors, such as social class and race, accentuating the differences, and it wouldn't be different in vocational technical education. Even today, the female presence is restricted in some areas of Brazilian technical education. Therefore, this study sought to understand the insertion of women in the technical courses of mechanics and electrotechnology at SENAI, a technical vocational training institution. For this purpose, the Discourse Analysis was used to transcribe and interpret the reports brought by the research participants, former students, graduates of the mentioned technical courses through 2011 to 2016. Quantitative data were also used to evidence the low insertion of the female gender of the technical courses at SENAI. From this, within a sociocultural perspective, it was possible to perceive the influence of the power relations that regulate society, and consequently education, contributing to the significant reproduction of gender inequalities. Moreover, it was possible to denote somewhat encouraging speeches in relation to overcoming gender inequalities, deconstructing imposed social models, yet, the existence of discriminatory practices that go unnoticed in the eyes of individuals was noticed, due to the fact that they are not understood as discriminatory actions of gender, since they are rooted and are expressed in an unconscious or hidden way. The slowness of the changes that have occurred is evident, due to the processes of deconstruction of the knowledge and values learned, however it is not impossible.

Keywords: Gender. Education. Technical Education.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Matrículas do curso de Eletrotécnica (2011 a 2016).....	24
Gráfico 2 – Matrículas do curso de Mecânica (2011 a 2016)	24
Gráfico 3 – Índice de evasões	26

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

GDE – Gênero e Diversidade na Escola

PRONATEC - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego

PSAI – Programa SENAI de Ações Inclusivas

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SGN2 – Sistema de Gestão do Negócio

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 OBJETIVOS	13
2.1 OBJETIVO GERAL	13
2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
3 HIPÓTESE DO ESTUDO	14
4 REVISÃO DE LITERATURA	15
4.1 GÊNERO, EDUCAÇÃO E O MERCADO DE TRABALHO	15
4.2 A INSTITUIÇÃO SENAI	19
5 METODOLOGIA	23
6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	25
7 CONCLUSÃO	36
REFERÊNCIAS	39
APÊNDICES	41
ANEXOS	43

1 INTRODUÇÃO

A Educação Técnica Profissionalizante emergiu dos anseios de governantes e indústrias, de qualificar a mão de obra, formando profissionais capacitados para atuar nas indústrias existentes no país, entendendo que a educação profissional de qualidade, seria de fundamental importância para o desenvolvimento econômico, com vistas ao progresso do país.

Neste período existia, e ainda permanece atualmente, muitas desigualdades entre homens e mulheres. As construções históricas e sociais nos mostram a divisão sexual e de gênero existentes no seio familiar, na educação, no mundo do trabalho, ou em qualquer área da sociedade. O homem sempre esteve em posição de destaque seja na família ou no mercado de trabalho, envolvendo justificativas de ordem biológica ou poder.

De acordo com Carvalho (2003), o surgimento do conceito de gênero trouxe importante contribuição para discutir as diferenças biológicas e de construção social do binômio masculino/feminino, que passam a ser considerados em contextos sociais, nos quais as relações de hierarquia e poder se fazem presentes, assim é possível perceber que as relações de trabalho feminino e masculino, também são construções sociais que evidenciam as relações de poder entre os gêneros.

A educação brasileira na sua totalidade, sempre foi caracterizada pelas desigualdades de gênero, entre outros fatores como classe social e raça, acentuando as diferenças, e no ensino técnico profissionalizante não aconteceria o contrário. Ainda hoje, a presença feminina é restrita em algumas áreas do ensino técnico brasileiro.

Diante desta constatação, e a partir de inúmeros relatos e vivências em que me deparo no cotidiano de trabalho na instituição de ensino técnico profissionalizante em que atuo e que é o *locus* desta pesquisa, surge a necessidade de entender porque a realidade das instituições de ensino técnico ainda remonta aos tempos passados em que havia restrições quanto a inserção da mulher nos espaços educacionais e profissionalizantes.

Meu interesse encontra-se ainda, em compreender porque o número de mulheres inseridas nos cursos técnicos da instituição, é aparentemente tão reduzido. Considerando o preconceito e a discriminação em relação ao gênero feminino, busco perceber se estas relações são evidenciadas nos cursos por parte de professores, colegas ou colaboradores da instituição, ainda, se o mercado de trabalho possui interferência nas práticas pedagógicas, ou o contrário, se as práticas pedagógicas estão contribuindo para a formação de profissionais que continuam a reproduzir conceitos estereotipados em relação a inserção das mulheres nas áreas tidas, erroneamente, como masculinas.

Frente ao exposto, esta pesquisa tem como objetivo analisar a inserção das mulheres nos cursos técnicos de mecânica e eletrotécnica no período de 2011 a 2016 na unidade do SENAI de Concórdia – SC, onde procuro ponderar as conexões existentes entre as práticas curriculares da instituição e a reprodução das desigualdades nos cursos em evidência neste estudo, através da investigação e análise de dados estatísticos referente as matrículas efetuadas no período determinado, para que se possa discorrer sob o ponto de vista e vivência das entrevistas, em relação ao cotidiano no contexto da instituição.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Analisar a inserção das mulheres nos cursos técnicos de mecânica e eletrotécnica no período de 2011 a 2016 na unidade do SENAI de Concórdia – SC.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Quantificar as matrículas efetuadas no período de 2011 a 2016 nos cursos técnicos de mecânica e eletrotécnica na unidade, observando o número de matrículas de mulheres;
- Contrastar as práticas pedagógicas docentes e discentes a respeito das relações de gênero na instituição;
- Conhecer a percepção de ex-alunas referente as práticas da instituição no que concerne as relações de gênero.

3 HIPÓTESE DO ESTUDO

A escola é vista por muitos como um espaço no qual as diferenças entre os indivíduos são produzidas e reproduzidas, seja pelos alunos ou pelos educadores em relação aos seus alunos, desde sua fundação atuando de forma a categorizar e distinguir uns indivíduos dos outros. Entretanto, através da escola é possível a construção dos papéis sociais esperados para os indivíduos em seu tempo e sociedade.

Dessa forma, o papel primordial de uma instituição escolar de educação técnica profissional é a transmissão de conhecimentos técnicos. Assim, os conteúdos e metodologias escolhidos para preparar os futuros técnicos são de suma importância quando se tem o intuito de formar profissionais conscientes e competentes para atuar não apenas tecnicamente, mas também com responsabilidade ética e social.

Frente ao exposto, escolhi desenvolver o projeto de pesquisa em uma instituição de ensino técnico, conhecida historicamente e nacionalmente, principalmente, pela formação do público masculino nos seus cursos reconhecidos pela indústria nacional, pelo fato de formar profissionais capacitados tecnicamente para atuar nos espaços destinados a estes profissionais.

Instituição esta, que até pouco tempo, não permitia a discussão de assuntos transversais, especialmente a diversidade humana, preconceitos e discriminações em seu ambiente, muito pelo contrário, era reprodutora de desigualdades, especialmente na inserção da pessoa com deficiência e nas relações de gênero estabelecidas na instituição.

A discriminação de gênero ainda existe neste espaço, especialmente com a inserção da mulher, homossexuais e pessoas com deficiência nos cursos. Outro ponto que chama a atenção, é o baixo percentual de colaboradores serem do sexo feminino, especialmente no quadro de docentes dos cursos técnicos. Ainda, as mulheres que atuam na instituição ou que realizam algum curso, acabam se adaptando a estrutura machista, perdendo sua identidade feminina neste ambiente, devido as regras institucionais relacionadas ao uso de vestimentas que promovam a proteção do indivíduo, a proibição de uso de adereços e maquiagens pelas alunas dos cursos, remetendo-as aos ambientes de trabalho.

Atualmente, ações já estão sendo desenvolvidas para tentar o rompimento destas barreiras atitudinais frente a diversidade, porém as famílias ainda entram em contato com a instituição pedindo se podem matricular suas filhas meninas nos cursos da Unidade.

Diante do exposto, a hipótese é de que a cultura heteronormativa existente na instituição, impede a inclusão da diversidade em seu espaço, seja ela de alunos e de colaboradores.

4 REVISÃO DE LITERATURA

A partir da revisão de literatura, serão apresentadas discussões conceituais acerca da temática que envolve esta pesquisa, perpassando pelas reflexões sobre gênero, educação e mercado de trabalho, apresentando ainda um panorama histórico da instituição de ensino técnico profissionalizante na qual foi desenvolvido o estudo.

4.1 GÊNERO, EDUCAÇÃO E O MERCADO DE TRABALHO

Desde os primórdios da humanidade, os seres humanos já estabeleciam divisões de trabalho, cultuando o homem como forte, veloz, destemido, inteligente e capacitado para exercer diversas funções, enquanto a mulher tinha como tarefa cuidar da casa, dos filhos, sendo proibida de estudar e adquirir conhecimentos que não fossem em prol da sua família e seu lar. Estas distinções de funções sociais exercidas por homens e mulheres serviram de base para a construção da sociedade atual.

Em sua célebre colocação “ninguém nasce mulher: torna-se mulher”, Simone de Beauvoir em 1949, já trazia à tona a análise de que não se categoriza homem ou mulher pelo seu aspecto biológico, pelo seu aparelho reprodutor, pela sua genitália. Este ser homem ou ser mulher está muito além do conceito biológico feminino ou masculino.

Esta concepção surgiu a mais de 60 anos, em meio ao cenário de lutas feministas em prol de seus direitos, em busca de igualdade para com os homens. Nesta época, a categoria usada era Mulher, em contraponto a categoria Homem, sendo que a categoria Homem era utilizada para referir-se a todos os seres humanos, sendo universal e genérico este conceito. Neste período se intensificam as reivindicações, ramificando os grupos sociais, surgindo os movimentos das mulheres agricultoras, das mulheres negras e os grupos organizados homossexuais.

Louro (2014, p. 21) destaca que “tornar visível aquela que fora ocultada foi o grande objetivo das estudiosas feministas desses primeiros tempos. A segregação social e política a que as mulheres foram historicamente conduzidas tivera como consequência a sua ampla invisibilidade como sujeito”. Enfim, a partir destas estudiosas, serão organizados diversos movimentos para trazer à tona as desigualdades existentes na sociedade, entre homens e

mulheres, evidenciando a discriminação vivida pelas mulheres naquela época, perpassando até os dias atuais.

Nesta perspectiva, as mulheres passaram a lutar para que se rompesse com a generalização existente, pois o ser homem e o ser mulher são distintos apenas pelas características biológicas, pois Homens e Mulheres possuem as mesmas condições de desenvolver as capacidades necessárias ao trabalho, a vida profissional, o cuidado com a família, entre outras questões. No entanto, a cultura impõe a sociedade as regras de aceitação para cada gênero, cada etnia, enfim, dita o que é correto e o que é errado aos olhos dos indivíduos de maneira a diferenciar, patologizar, excluir aquele que decide não seguir os mesmos padrões impostos pela sociedade que marginaliza. É neste período da história, década de 60, que surge a categoria gênero, focando as relações estabelecidas entre homens e mulheres.

De acordo com Grossi; Garcia; Lozano e Magrini (2015, p.95) “como explica Joan Scott, a categoria gênero é entendida como “um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, sendo um primeiro modo de dar significado às relações de poder”.

Moro (2001, p.17) reforça o conceito de gênero, dizendo que o termo “é empregado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso traduz, portanto, a explícita rejeição às explicações biológicas como determinantes das diferenças sociais entre homens e mulheres”.

Atualmente, são visíveis os avanços conquistados pelas mulheres e pelas minorias em geral, entretanto a categoria Mulher ainda sofre muito preconceito principalmente nas áreas de atuação profissional, assim como, sofrem preconceito e discriminação maiores ainda, aqueles que assumem sua identidade de gênero diferente daquilo que a sociedade e a cultura impõe como padrão, como verdade absoluta.

É evidente que algumas áreas do conhecimento, estão fundamentalmente, dominadas por homens, que dentre estas áreas, encontram-se aquelas profissões de maior prestígio social, melhor remuneração, estando fortemente ligadas aos estudos técnicos e científicos. Enquanto que para as mulheres, restam aquelas profissões que fazem intensa relação com o cuidado, paciência, zelo, entre outros estereótipos que distinguem as ocupações culturalmente construídas e conhecidas como preferencialmente femininas, sem contar ainda, as outras formas de discriminação existentes no mercado de trabalho e dizem respeito às diferenças salariais e os obstáculos para alcançar o prestígio e respeito por parte da sociedade, por mérito no trabalho desenvolvido e competências evidenciadas. (MORO, 2001).

Historicamente, o processo de escolarização é marcado pela divisão sexual, delimitando a inserção do público feminino, e quando possibilitou tal inserção, passou a estabelecer

divisões, diferenças e distinções entre meninos e meninas, demarcando as formas e conteúdos a serem ensinados aos alunos, formas de agir e se comportar de acordo com seu gênero. Entretanto, após muito tempo, discussões, reflexões acerca das metodologias e conteúdos ministrados, houveram avanços na tentativa de superar as diferenças instaladas nos espaços escolares. Porém, sabe-se que a escola ainda não superou esta marca de reprodução das distinções e desigualdades, sendo considerado um espaço privilegiado para a reprodução das desigualdades, do preconceito e da discriminação, talvez pelo fato de ter enraizado no seu cerne esta construção histórica e cultural.

Conforme Louro (2014, p.68),

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processo de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus produtores. Todas essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão. É indispensável questionar não apenas o que ensinamos, mas o modo como ensinamos e que sentidos nossos/as alunos/as dão ao que aprendem.

A Autora chama a atenção para o fato de que precisamos refletir sobre nossas ações cotidianas, pois é através, principalmente, da nossa linguagem carregada de preconceito e discriminação em todas as suas formas, que mediamos a construção do conhecimento dos nossos alunos.

Corroborando e reforçando a questão, Silva (2015, p. 194) destaca:

As manifestações das questões relacionadas a gênero estão presentes nos currículos, nas práticas cotidianas de professores (as) e alunos (as), homens e mulheres, que estão a todo tempo, constituindo e instituindo formas de ser, estar, agir e falar, ou seja, estão se fazendo e refazendo segundo os gêneros que assumem.

Evidencia-se, através do exposto, que os diferentes atores sociais transitam por espaços públicos e privados que fazem parte do cotidiano e podem ser ambientes de reprodução das desigualdades, principalmente de gênero.

Conforme aponta Silva e Carvalho (2003, p.51), “pela educação é possível construir homens e mulheres “adequados” ao seu tempo e a sua sociedade. Essa construção envolve a produção e reprodução de estereótipos e de papéis sociais diferenciados para o feminino e o masculino”.

A instituição escolar, foi por muito tempo, espaço de produção das desigualdades, principalmente econômicas e por consequência de classes sociais. Atualmente, de forma mais velada, ainda evidencia os resquícios de uma educação marcada pela hierarquia e distinção de gênero nas relações estabelecidas com a sociedade.

Em pesquisa citada por Silva e Carvalho (2003), a escolha da carreira profissional está diretamente vinculada a formação cultural e social anterior ao ingresso no mercado de trabalho, iniciada na infância, influenciando comportamentos, desenvolvendo habilidades e sinalizando possibilidades, levando a conclusões como trabalhos que exijam manuseio de máquinas e o domínio da tecnologia são de competências masculinas, enquanto as tarefas manuais, de cuidado e conservação são femininas. (CARVALHO (org.), 2003)

Diante disso, é necessário que a instituição escolar através de seus representantes, os profissionais de educação, abandone esta carga cultural carregada de valores e preconceitos enraizados em cada profissional, para obter êxito na discussão sobre gênero e outras temáticas diversas que necessitam de um olhar atento contra a discriminação, o preconceito a diversidade e a estigmatização do mundo do trabalho dividido no binômio masculino/feminino.

Partindo do pressuposto de que o papel principal de uma instituição escolar de educação técnica profissional é a transmissão de conhecimentos técnicos, devido ao curto espaço de tempo que esta instituição possui para desenvolver profissionais capacitados para atuar no mercado de trabalho, o currículo acaba por transmitir apenas o conhecimento técnico, sem levar em conta o ser humano e a diversidade existente nos mais variados espaços de atuação técnica.

De acordo com Costa *et al.* (2016):

O profissional docente precisa perceber a necessidade de abandonar a concepção tecnicista de mero reprodutor de conhecimentos e, tornar-se o elo entre a educação e o exercício da cidadania, uma vez que a educação é uma estratégia de transformação social que deve instrumentalizar os indivíduos com conhecimentos sobre o seu contexto histórico cultural, para que possam analisar e intervir criticamente com ética nesse cenário.

É possível denotar que o docente necessita estar preparado não apenas para transmitir conhecimentos técnico científicos, mas também para repassar principalmente através do exemplo, os valores éticos necessários para viver numa sociedade mais justa e igualitária, baseada no respeito a diversidade humana.

4.2 A INSTITUIÇÃO SENAI

O Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) foi criado em 22 de janeiro de 1942, pelo Decreto-Lei 4.048 do então presidente Getúlio Vargas, com a missão de formar profissionais para a incipiente indústria nacional. O decreto estabelecia que a nova instituição de educação profissional seria mantida com recursos dos empresários e administrada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI).

No fim da década de 50, quando o presidente Juscelino Kubitschek acelerou o processo de industrialização, o SENAI estava presente em quase todo o território nacional e começava a buscar, no exterior, a formação para seus técnicos. Logo, tornou-se referência de inovação e qualidade na área de formação profissional.

Hoje a instituição amplia a qualidade da educação profissional e o ensino superior de acordo com as necessidades da indústria, consolidando a Metodologia SENAI de Educação Profissional.

O SENAI de Santa Catarina, em 2016, completa 62 anos de contribuição para a sociedade e sua criação em janeiro de 1954 está vinculada diretamente à Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina – FIESC, com o objetivo de formar e aperfeiçoar profissionais para a indústria catarinense. Inicialmente, as atividades constituíram-se, basicamente, na escolarização de trabalhadores através de aprendizagem industrial. Nos anos 90, as inovações tecnológicas demandaram ao SENAI/SC novos desafios nas áreas de educação profissional e de serviços técnicos e tecnológicos.

Atualmente, os investimentos se direcionam prioritariamente para tecnologia de ponta, para o atendimento às empresas e à comunidade por meio de atividades relacionadas à educação profissional, aos serviços técnicos e tecnológicos e à inovação, contando com uma estrutura de laboratórios e recursos didáticos distribuídos nas Unidades no Estado de Santa Catarina. Assim, compete ao SENAI/SC qualificar os trabalhadores da indústria e pessoas da comunidade para a inserção no mercado industrial, por meio da oferta de cursos de Educação Profissional. (FIESC, 2016)

O Departamento Regional do SENAI de Santa Catarina, desde 1954, vem expandindo sua estrutura de atendimento, contando atualmente com 63 unidades fixas, 23 unidades móveis, 565 salas de aulas e 923 laboratórios didáticos, sendo 193 laboratórios didáticos móveis, atuando em mais de 256 municípios do Estado.

Também integra três Institutos de Inovação - em laser, sistemas embarcados e sistemas de manufatura - e sete de Tecnologia - automação e tecnologia da informação e da comunicação; alimentos e bebidas; ambiental; eletroeletrônica; logística; materiais e têxtil, vestuário e design. Em mais de seis décadas de existência, o SENAI/SC é referência em educação profissional, formando trabalhadores aptos a contribuir para o desenvolvimento da indústria.

Para atender a demanda da indústria, que exige cada vez mais trabalhadores qualificados e atualizados, o SENAI Santa Catarina oferece uma série de cursos e programas que podem ser customizados conforme a necessidade de cada empresa. O portfólio, repleto de conhecimentos técnicos, é composto por cursos de aprendizagem industrial, cursos técnicos, ensino médio, graduação, pós-graduação, extensão e qualificação profissional. Os cursos podem ser realizados nas escolas do SENAI, empresas ou na modalidade a distância.

O SENAI/SC em Concórdia iniciou suas atividades em fevereiro de 1985, em uma sala cedida pela Prefeitura Municipal de Concórdia, hoje prédio histórico do município que abriga as dependências da Câmara Municipal de Vereadores. Em maio do mesmo ano foi inaugurada a primeira sede do SENAI Concórdia em um andar anexo à sede da Associação Comercial e Industrial (ACIC). As primeiras ações estavam voltadas à oferta de cursos em gestão e de segurança para supervisores e gerentes, e de qualificação profissional na preparação de mão-de obra, atendendo as necessidades das indústrias da região. Em agosto de 1990, foi inaugurada a sede própria, situada a Rua 29 de Julho, no bairro Itaíba, em terreno de 3.000 m², e área construída de 900 m², onde a partir deste momento passou a oferecer os cursos de aprendizagem industrial, para menores entre 14 e 18 anos de idade, nas modalidades de Mecânica Geral e Eletricista Instalador.

Em 1997, foi implementado o Curso Técnico Especial na modalidade de Mecânica, sendo este o primeiro próprio do SENAI de Concórdia, onde a primeira turma encerrou a fase escolar no ano de 1999. Em 2000, o curso foi reformulado, sendo autorizado como Curso Técnico Industrial com Habilitação em Mecânica.

Em 2001, foi implementado o Curso Técnico Industrial com Habilitação em Eletrotécnica. Neste mesmo ano, no mês de agosto, foi inaugurada uma ampliação física da Unidade com área equivalente à 500 m², abrigando de 03 novos laboratórios, 05 salas de aula e uma área de convivência de 150 m².

Em 2003, o SENAI Concórdia passou a oferecer o Ensino Médio, em sistema articulado com o nível técnico. Através do Parecer n. 497, aprovado em 29 de outubro de 2002, pelo Conselho Estadual de Educação.

Em 2009, iniciou a construção da nova sede da instituição, om investimento de R\$ 17 milhões, a estrutura de Concórdia possui 7,6 mil m² de área construída. O empreendimento foi construído em parceria com a empresa BRF, que doou o terreno, e com a prefeitura municipal. Em janeiro de 2014 iniciaram as atividades na nova Unidade, e no dia 11 de setembro do corrente ano aconteceu à solenidade de entrega da desta. Com a nova estrutura, localizada no Bairro São Cristóvão o SENAI quadruplicou a área física em Concórdia.

Na unidade são oferecidos cursos de Aprendizagem Industrial, Qualificação, Aperfeiçoamento e Iniciação Profissional, Ensino Médio e Cursos Técnicos.

De acordo com os documentos que descrevem o perfil profissional e desenho curricular dos cursos técnicos do SENAI, a competência geral do curso de Mecânica estabelece que o profissional deve ser capacitado para atuar no desenvolvimento de projetos; controlar processos de produção mecânica e realizar a manutenção mecânica de máquinas e equipamentos segundo normas técnicas, considerando padrões de qualidade, de saúde e segurança no trabalho e meio ambiente. Já para o curso de Eletrotécnica, a competência geral do curso estabelece que o profissional deve ser capacitado para projetar, instalar, manter e operar sistemas elétricos prediais, industriais e de potência, de acordo com os limites legais aplicáveis, cumprindo as normas técnicas, de qualidade, de segurança e saúde e de preservação ambiental.

Com a criação, por parte do governo federal a partir de 2002, e efetiva ação de secretarias específicas, como a Secretaria de Políticas para as Mulheres e a Secretaria de Direitos Humanos, voltadas para a inclusão e acessibilidade das pessoas que vivem à margem da sociedade, buscando melhores condições de acesso igualitário em todas as esferas desta sociedade, o SENAI nacional institui o PSAI – Programa SENAI de Ações Inclusivas, e o Departamento Regional do SENAI em Santa Catarina, atuou de forma pioneira, juntamente com o Departamento Nacional na implantação deste programa.

O Programa SENAI de Ações Inclusivas consiste em promover condições de equidade que respeitem a diversidade inerente ao ser humano (gênero, raça/etnia, maturidade, deficiência, entre outras características ligadas a vulnerabilidade social), visando a inclusão e a formação destas pessoas nos cursos do SENAI, com base nos princípios estabelecidos pela Convenção dos Direitos da Pessoa com Deficiência de 2009, e no Estatuto da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146 de 06 de julho de 2015).

O principal objetivo do programa é incluir, nos cursos do SENAI, pessoas com necessidades educacionais especiais (pessoas com deficiência, condutas típicas e altas habilidades), ampliar o atendimento a negros, índios e demais etnias, oportunizar o acesso das mulheres aos cursos estigmatizados para homens e vice-versa, bem como requalificar na

educação profissional, pessoas com idade acima dos 45 anos e idosos, aumentando assim suas possibilidades de inserção e permanência no mercado de trabalho, portanto as vertentes atendidas pelo programa, são: pessoa com deficiência, cor/etnia, gênero, idosos, altas habilidades e condutas típicas (SENAI/DN, 2010).

O Projeto Pedagógico (2016) coloca que o SENAI entende a inclusão como uma interação de pessoas com identidades diferentes no mesmo espaço ou sistema social e o conceito de sociedade inclusiva como uma sociedade que reconhece, respeita e responde às necessidades de todos. Aprender com as diferenças e crescer em função delas é a proposta de ação do PSAI, por meio do desenvolvimento de competências, promovendo e valorizando a diversidade, buscando o equilíbrio das relações pessoais, através de atividades que envolvam a sensibilização de toda a comunidade escolar e preparando uma ambientação adequada para todos, possibilitando a construção de conhecimentos e o enriquecimento das experiências.

Diante disso, e de acordo com as instruções normativas e de trabalho do programa, as ações das escolas do SENAI devem levar em conta a presença das mulheres nos cursos historicamente estigmatizados para homens ou, do contrário, para os cursos tidos como exclusivos para mulheres, e ainda a presença de alunos LGBTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros).

5 METODOLOGIA

O presente estudo teve por objetivo analisar a inserção das mulheres nos cursos técnicos de mecânica e eletrotécnica no período de 2011 a 2016 na unidade do SENAI de Concórdia – SC, para tanto o estudo foi de cunho qualitativo, utilizando-se de dados estatísticos coletados a partir do sistema de matrículas da instituição, para subsidiar as reflexões e evidenciar o índice de matrículas e evasões nos referidos cursos e período correspondente ao estudo.

Diehl (2004) citado por Dalfovo; Lana e Silveira (2008), conceitua a pesquisa quantitativa, através do uso da quantificação, tanto na coleta como no tratamento das informações, utilizando ferramentas estatísticas, evitando possíveis distorções de análise e interpretação dos dados. Já a pesquisa qualitativa não utiliza instrumento estatístico, trabalhando com informações obtidas de observações, entrevistas abertas, análise documental, estudos de caso, entre outras técnicas, que correspondem a um universo de significações e percepções dos indivíduos participantes do estudo.

De acordo com Alberti (2005), citado por Oliveira (2014, p. 36), em se tratando de pesquisa científica, “há dois tipos de entrevistas que podem ser usadas como método de pesquisa: a temática ou a de história de vida. A primeira terá um tema específico e não precisa ocorrer, necessariamente, em mais de uma sessão; já a segunda terá como tema a trajetória de vida de um sujeito”, sendo necessário assim, várias sessões de entrevistas. Dessa forma, para que as qualidades sejam expressas no estudo, faz-se necessário o uso da entrevista para obter as informações correspondentes a formação acadêmica e profissional dos sujeitos da pesquisa.

Frente a isso, utilizou-se a Análise do Discurso para transcrever e interpretar os relatos trazidos pelas participantes da pesquisa. A Análise do Discurso, como o próprio nome descreve, trata do discurso, do indivíduo relatando suas vivências e experiências num determinado tempo que não é estanque, mas sim uma história em curso, em movimento. (ORLANDI, 1999)

Conforme Oliveira (2014, p 40), “é preciso compreender que, ao se tratar de uma pesquisa científica, há classicamente duas Análises do Discurso: a de origem francesa, que privilegia o contato com a história, e a de origem anglo-saxã, que privilegia o contato com a sociologia. Diante desta constatação, fica evidente neste estudo, a necessidade de utilização da Análise de Discurso Francesa, por considerar que a linguagem deva ser entendida como resultante de um processo social, no qual o indivíduo pode ter a competência de construir sentidos da realidade ao seu entorno e através das suas vivências cotidianas.

Frente ao exposto, o referido estudo foi desenvolvido em uma instituição técnico-profissionalizante, situada a trinta anos, no município de Concórdia - SC, que conta com mais de 500 alunos entre os cursos de Aprendizagem Industrial, Ensino Médio Articulado com a Educação Profissional, Cursos Técnicos e cursos de Qualificação, Iniciação e Aperfeiçoamento Profissional, e possui em torno de 50 colaboradores distribuídos nas áreas administrativas e pedagógicas.

Com relação aos participantes do estudo, estes foram ex-alunas, concluintes dos Cursos Técnicos de Mecânica e Eletrotécnica da instituição, no período de 2011 a 2016.

Para o desenvolvimento do estudo, foi contatado com o Diretor da Unidade, para o qual explicou-se o objetivo da pesquisa. Tendo este autorizado, deu-se início à coleta dos dados com os sujeitos escolhidos.

A coleta dos dados deu-se por meio de buscas na base de dados da instituição e entrevista semiestruturada. As entrevistas com os sujeitos foram realizadas com dias e horários agendados de acordo com a disponibilidade de cada entrevistada. Tive a preocupação de esclarecer as entrevistadas que, por mais que atuo na instituição, as informações não seriam utilizadas como ferramenta de trabalho a priori.

Para a aplicação do referido instrumento, foi apresentado e explicado aos sujeitos, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO) baseado na Resolução CNS 466/2012 que prevê os princípios éticos da pesquisa envolvendo seres humanos. Autorizada à pesquisa e assinado o Termo pelos sujeitos, seguiu-se os aspectos éticos, bem como o sigilo e o anonimato das entrevistadas.

Respeitando o anonimato das entrevistadas, estas serão mencionadas no estudo, a partir de nomes substitutivos, entretanto preservando as características de seus discursos. Desta forma, as participantes da pesquisa que concluíram o curso técnico em mecânica serão chamadas pelos nomes: Melinda, Melissa e Melânia. Já as participantes da pesquisa que concluíram o curso técnico em eletrotécnica serão chamadas de Eliane, Elisa e Elaine. Os nomes substitutivos foram escolhidos aleatoriamente pela pesquisadora, que buscou apenas relacionar as primeiras duas letras dos nomes com os nomes dos respectivos cursos em que as participantes do estudo finalizaram recebendo a certificação.

6 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

O entendimento das relações entre gênero e ensino técnico profissionalizante vem sendo discutidos amplamente por parte de educadores, instituições de ensino e o universo do trabalho propriamente dito, através de discussões sobre os modelos de educação historicamente constituídos, e da desconstrução vagarosa de preceitos considerados obsoletos. Este interesse se dá pelo fato de que ainda é pouca a procura pelas mulheres de cursos técnicos profissionalizantes voltados, principalmente, às áreas das engenharias, o que não significa que não há procura em outras áreas como saúde e administração por exemplo.

Em recente entrevista, o diretor regional do SENAI Santa Catarina destacou que a instituição tem como desafio incluir mais mulheres na área de tecnologia para desenvolver produtos e soluções que agreguem mais valor, defendendo que com um aumento de mulheres, aumenta-se as possibilidades de talentos diferenciados, resultando na ampliação do conteúdo intelectual e promoção de novas inteligências ainda não acessadas. Ele destaca ainda que, em nossa cultura a mulher foi criada para ter melhor sensibilidade e os homens, para ter maior aspereza, sendo que a combinação dessas diferenças torna-se positiva (GOMES, 2016).

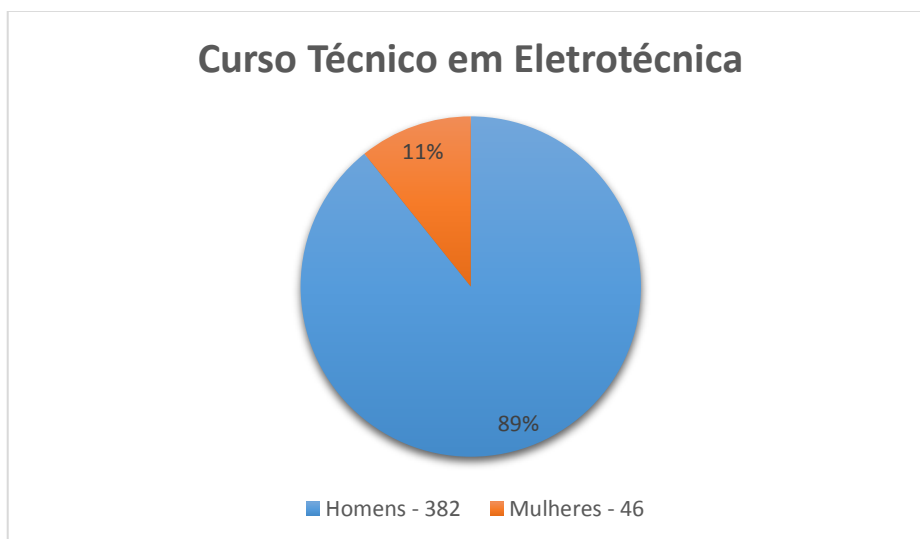
Frente a este desafio, faz-se necessário compreender os motivos pelos quais a presença do público feminino nos cursos técnicos que tem como objetivo reforçar a atuação na área industrial, é tão inferior ao público masculino, e as hipóteses são inúmeras, indo desde a concepção cultural das profissões ditas femininas e masculinas, perpassando pelo processo de construção do conhecimento na instituição profissionalizante, até a inserção no mercado de trabalho que ainda carrega receios em integrar suas equipes profissionais com mulheres, tornando um círculo que impede a mulher de ser inserida no mercado de trabalho.

Diante destas exigências, o SENAI, que já vinha num processo de reavaliação de conceitos e métodos, passa a incorporar com mais veemência a solicitação de cativar e inserir o público feminino, mas não só esse, como também outras minorias que necessitam ser capacitadas para cumprir com as exigências legais e suprir as demandas do mercado de trabalho, mais especificamente da indústria, como as pessoas com deficiência, as pessoas que se encontram na terceira idade, bem como as pessoas que integram a classe de raça e etnia, como são os casos de negros por exemplo, ou haitianos e nordestinos que deixam suas raízes em busca de melhores condições de vida, sendo contratados pelas grandes indústrias da região de Concórdia, necessitando serem qualificados para exercerem suas atividades na indústria regional.

A partir desta contextualização, emergiu o desejo de pesquisar sobre a inserção das mulheres nos cursos técnicos de mecânica e eletrotécnica, visto que, a procura por estes cursos e pela própria instituição de ensino técnico profissionalizante, pelo público feminino é mínima, por uma série de fatores, mas principalmente pela imagem induzida que a sociedade possui da instituição, principalmente em relação ao estereótipo de masculinização das áreas de profissionalização.

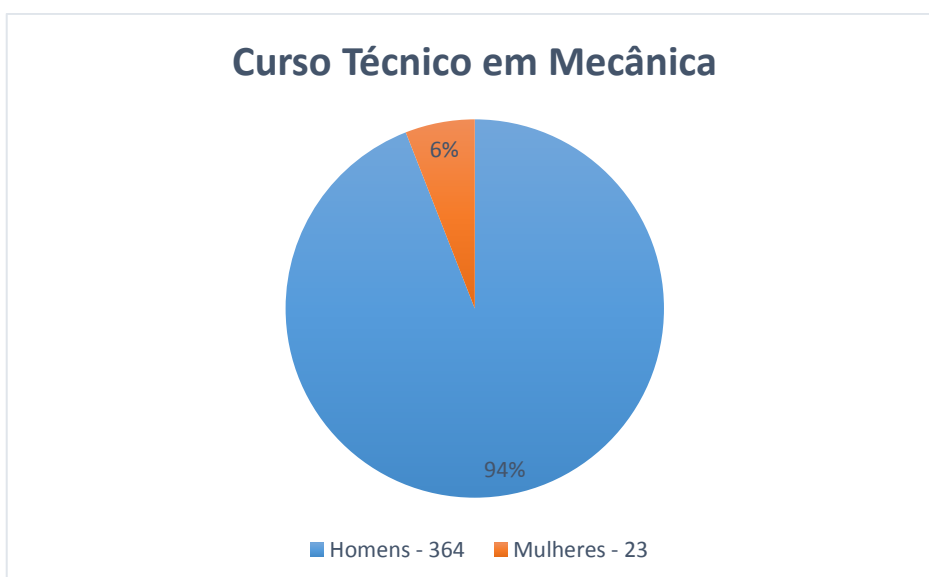
A seguir apresenta-se o índice estatístico de inserção das mulheres nos cursos técnicos de mecânica e eletrotécnica, no período de 2011 a 2016, no SENAI Concórdia:

Gráfico 1 – Matrículas do curso de Eletrotécnica (2011 a 2016)



Fonte: SGN2 SENAI

Gráfico 2 – Matrículas do curso de Mecânica (2011 a 2016)



Fonte: SGN2 SENAI

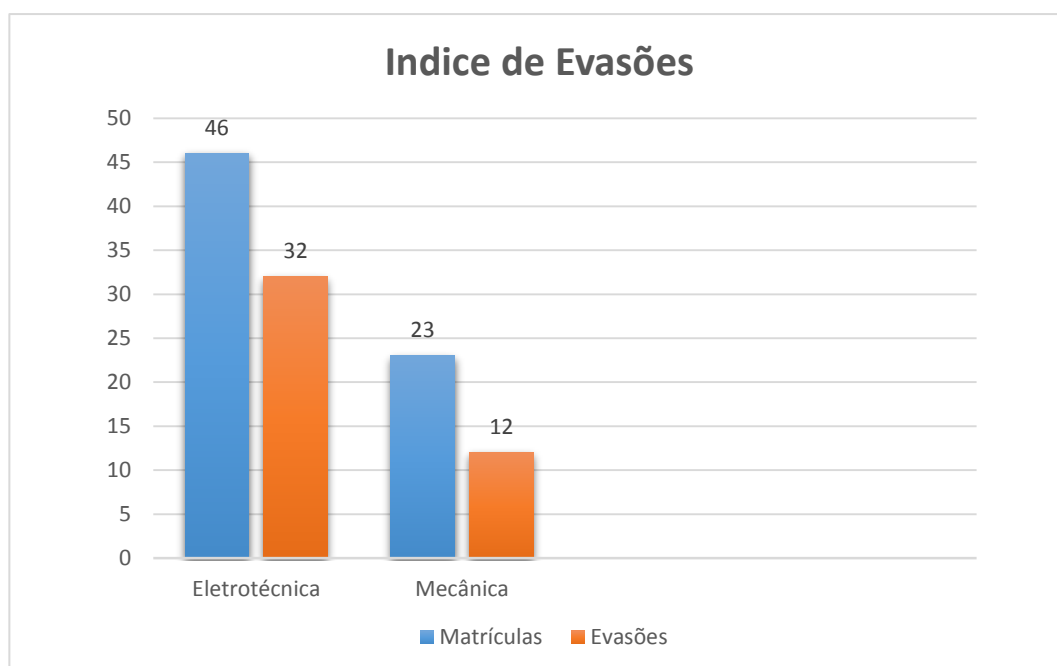
As figuras acima evidenciam a baixa inserção das mulheres nos cursos técnicos do SENAI, ou seja, a procura pelo público feminino, para os cursos técnicos nas áreas tecnológicas de eletroeletrônica e metalmeccânica é baixa. Provavelmente, este cenário ocorre pela concepção errônea da sociedade, de que estas áreas sejam específicas para o público masculino.

Vale ressaltar ainda, que foi possível perceber que este índice de inserção de mulheres nestes cursos só foi possível pela adesão da instituição ao Pronatec - Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego, mantido pela União e com a finalidade de ampliar a oferta de educação profissional e tecnológica, por meio de programas, projetos e ações de assistência técnica e financeira. Ainda, dentre os subprogramas, projetos e ações que integram o Pronatec, vale ressaltar o benefício de Bolsa-Formação, também financiado pela União, que oferta cursos presenciais de Educação Profissional e Tecnológica e assistência estudantil plena, garantindo a cobertura integral das despesas com a oferta educacional, o transporte e alimentação dos beneficiários (BRASIL, 2011). Diante do exposto, a evidência de inserção destas alunas nas turmas específicas do Pronatec, nos faz refletir e supor que só ocorreu pelo fato de o curso ser ofertado com gratuidade, pois as turmas pagantes dos cursos referidos neste estudo, comumente não possuem a inserção de mulheres em suas turmas.

Pelo fato de a instituição, ter como objetivo formar profissionais qualificados para o mercado de trabalho, este panorama é influenciado pela divisão sexual do trabalho, construída e reforçada nas instituições de ensino durante muito tempo, para atender as demandas deste mercado. As mulheres tinham prioridade de contratação nas vagas que exigiam qualidades como a paciência, perseverança, delicadeza e agilidade, enquanto que os homens eram lotados nas vagas que exigissem força muscular. Tais descrições, embora não consensuais possibilitaram a reprodução da divisão sexual do trabalho que persiste nos dias atuais. (CARVALHO, 2003)

O gráfico abaixo, apresenta o índice de evasões das mulheres nos cursos técnicos de mecânica e eletrotécnica no período de 2011 a 2016:

Gráfico 3 – Índice de evasões cursos de Eletrotécnica e Mecânica no período de 2011 a 2016.



Fonte: SGN2 SENAI

É possível perceber que, é alto o número de evasões ou desistências dos referidos cursos, no período em evidência no estudo, ou seja, em seis anos foram abertas 11 turmas do curso técnico em eletrotécnica, nestas turmas iniciaram 382 alunos do sexo masculino e 46 alunas do sexo feminino, sendo que destas alunas, 32 desistiram ou evadiram do curso, assim somente 08 alunas finalizaram o curso obtendo a certificação, e 06 alunas ainda estão frequentando o curso, que finalizará em 2017. Já no curso de mecânica, neste período de 2011 a 2016, foram iniciadas 10 turmas, com 364 alunos do sexo masculino e 23 alunas do sexo feminino, destas alunas 12 desistiram ou evadiram do curso e apenas 05 alunas concluíram o curso, recebendo a certificação, e 06 delas ainda estão frequentando o curso, que se encerra em 2017.

A partir deste número expressivo de evasões das mulheres nos cursos em evidência neste estudo, buscou-se identificar a percepção de ex-alunas¹ referente as práticas da instituição no que concerne as relações de gênero e ainda, contrastar as práticas pedagógicas docentes e discentes a respeito das relações de gênero na instituição, e que serão colocadas em destaque a partir de agora para serem analisadas e discutidas a luz da literatura específica.

No que diz respeito a opção pelos cursos, foi unanime o relato das entrevistadas, expondo o gosto pelas áreas, a expectativa de melhores condições de iniciação profissional, de

¹ Utilizou-se nomes fictícios para fazer menção as entrevistadas, entretanto manteve-se fidedigna os relatos das participantes do estudo.

agregação e diferenciação no currículo profissional, sem em momento algum desconsiderar o desejo pelo fato de serem mulheres.

A sociedade percebe e faz relação, atualmente, com o fato de que, quanto maior for o nível de escolaridade do indivíduo, mais chances de ser inserido no mercado de trabalho ele terá, com melhores condições de remuneração e de trabalho propriamente dito, é evidente também, que as condições de acesso ao ensino estão sendo ampliadas, as facilidades de ingresso aos cursos devido à educação a distância é, principalmente, um meio de se atingir um público maior, uma clientela maior e diversificada.

É neste contexto, que os jovens estão inseridos e tendo como tarefa principal a escolha por uma área, por uma profissão, por uma modalidade de ensino, sendo cobrados pela família e sociedade, em meio a cultura que ainda dita suas regras, a dar um retorno através do mercado de trabalho.

Diante disso, Melânia, uma jovem de 21 anos de idade, que está cursando a graduação em Engenharia Mecânica, relatou:

Escolhi o técnico em Mecânica devido, principalmente ao diferencial de mercado, também sempre gostei da área, tinha curiosidade em saber como as coisas funcionam, como eram feitas, e com o técnico pude vivenciar este processo, o técnico nos abre essa disponibilidade de conciliar a parte teórica à prática.

O Projeto Pedagógico do SENAI (2016), em consonância com a Metodologia SENAI de Educação Profissional, aponta que a instituição possui a responsabilidade formativa de desenvolver o aluno tanto do ponto de vista conceitual e procedimental quanto comportamental, intermediando por meio da prática pedagógica, a relação entre homem e a realidade que o cerca, promovendo o desenvolvimento integral dos alunos, reforçando o compromisso de educação completa do indivíduo com a indústria, que necessita de um profissional com habilidades e conhecimentos técnicos e comportamentais, ou seja, capacitado para atender as demandas deste século, que encontra-se em plena evolução.

Isto posto, é notório através das práticas e metodologias da instituição, bem como dos relatos e reconhecimento dos alunos e da comunidade como um todo, que esta atende aos seus anseios de preparação prática para o mercado de trabalho, sendo o diferencial proporcionado aos discentes, porém faz-se necessário refletir sobre as dimensões que orientam o fazer pedagógico da instituição.

Currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagem, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade,

etnia, classe – são constituídos por essas distinções e, ao mesmo tempo, seus reprodutores. (LOURO; 2014, p.68)

Assim, é preciso problematizar constantemente o espaço de trabalho, desconstruir os preceitos que envolvem as condutas discriminatórias e atentar para linguagem utilizada e a forma como se ensina.

Outro ponto em evidência no relato de Melânia, diz respeito a curiosidade em “saber como as coisas funcionam”, pois existe uma concepção construída socialmente, e que é comumente reforçada, de que este comportamento deve ser exclusivo do sexo masculino, soando estranho o desejo da menina de conhecer peças e máquinas, montá-las e desmontá-las estudando suas funções em uma engrenagem banhada a óleo, solda, entre outros materiais e utensílios.

É natural tendenciar áreas como femininas e masculinas a partir de características próprias de cada sexo biológico, entretanto, vale salientar que esta naturalização de papéis sociais, é reforçada no processo educativo, através das formas diferenciadas de modelos sociais reproduzidos ao longo do desenvolvimento do indivíduo. (CARVALHO (org.), 2003)

Melânia ainda reforçou, ao ser questionada se havia gostado do curso:

Gostei tanto que ainda estou na área, agora cursando superior em Engenharia Mecânica, e amando, o técnico foi tudo que eu esperava, o que me deu rumo, a partir dali eu sabia exatamente o que queria ser, e hoje não me imagino fazendo outra coisa.

Vale ressaltar também que, a escolha, a decisão de um futuro profissional, é um momento difícil na vida de qualquer pessoa, mas principalmente para adolescentes, que sofrem as pressões da família sugerindo os caminhos que os adolescentes devem trilhar, a falta de autoconhecimento para fazer a escolha mais adequada ao seu perfil, a dificuldade de optar pelas modalidades de ensino, pelo fato de a sociedade exaltar os possuidores de diplomas universitários, em detrimento de diplomas técnicos, entre outros tantos fatores que tornam a escolha profissional um processo intensamente ansiogênico e marcado por incertezas e inseguranças.

Eliane, uma jovem mulher de 30 anos de idade, escolheu pelo curso técnico em Eletrotécnica, justificando:

Optei pelo curso, pois na época trabalhava em um escritório de Engenharia e meu objetivo era aprender a “projetar”, assim poderia elaborar os projetos elétricos da empresa.

Assim como a maioria das mulheres que buscam um curso técnico, principalmente nas unidades do SENAI, que possui a premissa de encaminhamento ao mercado de trabalho, através da sua articulação com as indústrias regionais, buscando atender as demandas do mercado de acordo com as particularidades da região em que está inserido, Eliane também tinha como objetivo a ascensão profissional a partir de melhores oportunidades de emprego e renda, ao ingressar no curso técnico em Eletrotécnica. Em pesquisa realizada por Oliveira (2014, p.122), ficou evidente que “as mulheres estão mais interessadas em avaliar as boas oportunidades de emprego que a área tecnológica oferece”, afim de melhorar sua condição socioeconômica, ao invés de levar em consideração os estereótipos ligados as áreas de atuação.

Adentrando o campo da discriminação e do preconceito que permeiam inúmeros cursos, inclusive e principalmente os cursos em evidência neste estudo, um ponto de destaque foi o relato das ex-alunas em relação ao convívio com os colegas e professores.

Melissa, aluna concluinte do curso técnico em Mecânica, atualmente com 18 anos de idade, realizou o curso técnico concomitante com o ensino médio, ou seja, no ato da matrícula no curso técnico, já havia concluído a primeira série do ensino médio, e assim, cursou o restante do ensino médio em um período do dia e o curso técnico no contra turno da escola regular. Ela relata que:

Na minha turma, eu era a única mulher, nunca ninguém me discriminou e duvidou da minha capacidade por ser mulher, sendo que em muitas das atividades me saia melhor que alguns homens.

Melânia reitera a reflexão:

Nunca me senti discriminada, hoje em dia essa história de discriminação não existe mais tanto, a modernidade fez com que o mundo se abrisse para as mulheres, estamos cada dia mais independentes, e essa independência e confiança em nós mesmas se transmite na visão dos outros, e na forma como somos tratadas. Tive respeito tanto de colegas que eram em sua maioria homens, quanto dos professores.

Denota-se através dos discursos acima, que as lutas feministas, principalmente, a partir da denominada Segunda Onda do feminismo, refletem num novo modo de pensar e perceber as relações de gênero. Ainda em meio a muitas batalhas, as gerações de mulheres que estão chegando a fase adulta, e ingressando no mercado de trabalho atualmente, já não sentem tanta discriminação, pois aos poucos e ao longo dos anos as mulheres estão conquistando seu espaço em todas as esferas da vida cotidiana: família, educação, mercado de trabalho, entre outros, possivelmente, não estão sentindo as sutilezas com que o preconceito e a discriminação ocorrem

em suas vidas ou próximas a elas. Entretanto, espera-se que a desconstrução de conceitos reproduzidos historicamente, seja emergente e impulsione a construção de novas formas de pensamento, por mais vagarosa que seja, aniquilando as diversas formas de preconceito e discriminação, seja de gênero, raça, classe social, religião.

Em contrapartida, Eliane destacou:

A noite tinham duas turmas de eletrotécnica e tivemos (eu, e mais duas colegas) a sorte de estarmos na turma N1, pois os meninos do curso sempre nos respeitaram e nos ajudaram. Quando fizemos (eu e outra colega) o curso de NR10 a maioria da turma era constituída pelos alunos da turma N2, e os meninos não tinham muito respeito por nós meninas, eram meio estúpidos.

Encontra-se em evidencia no discurso de Eliane, o modo como as relações de poder masculino incidem e contribuem para as desigualdades de gênero. Quando Eliane aborda a diferença entre uma turma e outra, e a forma como as alunas foram acolhidas e tratadas por ambas, remete a reflexão de “falsa consciência”, como aponta Oliveira (2014). Ao pensar nos discursos das alunas, que ora explicitam em suas falas a mudança de paradigmas da sociedade em relação a inserção e igualdade de direitos da mulher, e ora trazem evidências de que ainda é mínima esta mudança, recorre-se a inúmeras pesquisas que apontam a existência da discriminação contra a mulher muito intensamente, apesar das lutas pela igualdade de direitos. Contudo, tal discriminação não é explícita, ou seja, não é percebida pelas mulheres como atitudes preconceituosas e que as impedem de desempenhar funções que são consideradas inapropriadas para elas.

Sem dúvidas, este cenário se dá devido a herança histórica e cultural de divisão sexual do trabalho. Esta determinação sobre a divisão sexual do trabalho, se reproduz tanto no seio familiar, como na escola e na sociedade como um todo, refletindo os discursos errôneos, machistas e preconceituosos que dificultam o acesso da mulher nas áreas tidas como específicas para os homens e consequentemente no mercado de trabalho, consciente ou inconscientemente, reforçando a hegemonia masculina nas áreas das engenharias, especialmente em mecânica e eletrotécnica.

Tal afirmativa é evidenciada por Elisa, atualmente com 20 anos de idade, também aluna do curso técnico concomitante em Eletrotécnica, que ao ser questionada sobre as dificuldades encontradas durante o curso em relação ao aprendizado técnico, discriminação e preconceito, relatou:

Aprendizado técnico teve algumas partes desconhecidas, mas com o auxílio de bibliografias e pesquisas extras, foram sanadas. Preconceito, foi mais a questão da indelicadeza em algumas situações.

Pode-se perceber no relato que, Eliza fala com naturalidade da indelicadeza dos colegas em algumas situações, como se fosse normal, afinal aprendeu histórica e socialmente que homens agem desta forma mesmo. Saffioti (2004) citada por Oliveira (2014, p. 130), aponta que as relações entre os sexos, são caracterizadas por uma dimensão hierárquica de poder, assim, a construção sociocultural da identidade feminina e a definição de seus papéis de submissão e passividade contribuem para a opressão masculina.

Tanto Eliane no curso técnico em eletrotécnica, quanto Melania e Melissa, ambas no curso técnico em mecânica, relataram as dificuldades nas aulas práticas. Melania relatou:

A única dificuldade que posso citar é o de não ter a mesma força física que alguns de meus colegas, mas eram poucas atividades que me exigiam isso, no restante era igual aos demais.

Da mesma forma, Melissa corroborou com o discurso da colega, dizendo:

Realizar as aulas práticas, como torner e soldar é um pouco mais difícil, pois tem que lidar um pouco com a força, e como somos consideradas o sexo frágil, fica mais complicado, mas sempre tive apoio e ajuda dos professores e colegas.

Em seu estudo, Oliveira (2014) já evidenciava através dos discursos emergentes na sua pesquisa, sobre a submissão também, devido a inaptidão física feminina presente nas falas, como a de Melissa, onde apresenta suas dificuldades devido a capacidade física, mas que em contrapartida sempre teve o apoio de colegas e professores.

Este apoio de colegas e professores, é entendido por Oliveira (2014) como “submissão”, sendo perpetuada devido aos padrões culturais vigentes, que determinam o que é de competência de homens e mulheres, estabelecendo inclusive, quais são as profissões que devem ser desempenhadas por homens e mulheres, levando em conta as capacidades de cada sexo. Entretanto sabe-se que esta construção social não faz sentido, e que é comum as mulheres não perceberem tais situações como discriminação ou submissão, pois está tão arraigado na sua constituição enquanto sujeito, e por isso não reagem.

Outro ponto importante de análise no discurso de Melissa, é o fato dela mencionar sobre o sexo feminino ser considerado o sexo frágil. Este conceito é aprendido culturalmente, e enfatiza a dicotomia masculino/feminino, onde o homem é concebido como o provedor da família, e assim desenvolve habilidades e comportamentos como a agressividade, a

assertividade e o pensamento racional, enquanto que a mulher é instruída para exercer o papel de cuidadora da família e das atividades domésticas, devendo ser mais afetiva, amorosa, delicada e paciente (OLIVEIRA (org.), 2003).

Melinda, outra aluna do curso técnico concomitante em mecânica, atualmente com 20 anos de idade, reiterando a crença construída socialmente sobre as diferenças, características e aptidões femininas e masculinas quando, ao ser questionada se houve influências no desempenho no curso pelo fato de ser mulher, respondeu:

Acredito que sim pois, as mulheres são mais atenciosas em certas coisas, mas não melhor do que os homens que já vivem com isso em seu dia a dia.

Dessa forma, denota-se o discurso comum entre as alunas sobre as limitações físicas, durante as aulas práticas, colocando-as em um nível inferior ao dos homens, e onde frequentemente, eles utilizam destes discursos fragmentados para reforçar os estereótipos de fragilidade feminina, frente ao perigo representado nas atividades cotidianas destas áreas, e estas estereotípias são refletidas no mercado de trabalho.

Melania salientou:

Como éramos a minoria nos tornamos um diferencial, mas isso porque fizemos por merecer tanto eu como as outras meninas, dedicação e foco me fizeram uma boa aluna e não o fato de eu ser mulher.

Moraes (1999) citado por SILVA (2010), verificou em pesquisa que buscou diagnosticar a formação profissional brasileira na área industrial metalúrgica, que

O setor metalmecânico é um universo marcadamente masculino, que a restrita presença de mulheres nos cursos do SENAI dessa área pode estar relacionada ao fato de que, historicamente, nesse setor, as tarefas demandadas aos trabalhadores exigiam deles força física relevante, tornando o trabalho mais rude e *não apropriado* para mulheres. Entretanto, é preciso assinalar que as mudanças técnicas no âmbito do trabalho tornaram as atividades exercidas no setor metalmecânico menos dependentes da força física.

Por fim, ao serem questionadas sobre a existência de discriminação ou preconceito por parte dos professores, foi comum entre as ex-alunas responderem, que não sofreram nenhum tipo de preconceito ou discriminação, que pelo contrário, sempre foram tratadas com igualdade principalmente nas provas práticas. Ainda, que são profissionais da mesma área, trocando informações e conhecimentos, podendo contar com os mesmos, após terem concluído os cursos técnicos.

Melissa foi enfática ao responder sobre ter sofrido discriminação ou preconceito por parte dos professores, e ainda trouxe um importante item a ser compreendido em relação ao mercado de trabalho:

NUNCA, pelo contrário eles sempre me apoiaram e me incentivaram a continuar na área, só decidi fazer um curso superior em outra área pois o preconceito está no mercado de trabalho e não dentro da instituição.

Com o passar do tempo, as mulheres foram conquistando seus espaços no mercado de trabalho, principalmente pelo fato da possibilidade de maior escolarização alcançada, e pela busca cada vez mais constante de profissionalização e aperfeiçoamento. Todavia, a inserção feminina no mundo laboral ainda sofre com muitos desafios, inclusive de vencer o paradigma das profissões masculinas e femininas, afinal tais conceitos ou divisão das profissões não podem mais ser considerados, pensando no momento histórico e de evolução tecnológica em que estamos vivendo. Porém, como retrata Melissa, e fica evidente no discurso das demais participantes da pesquisa, o mercado de trabalho ainda recruta pessoas de acordo com o gênero, e determina as atividades femininas, subjugando suas habilidades e potencialidades.

Dessa forma, evidencia-se que a mulher passa pela hierarquização masculina na família, nas instituições de ensino e também, no mercado de trabalho, tendo que provar a todo o tempo, em todas as situações, suas capacidades e aptidões.

A relação estabelecida entre a formação profissional e a inserção do mercado de trabalho, estabelecida em um processo de construção social, é mediada não só pelos fatores socioeconômicos, mas sobretudo por questões de gênero, sendo elemento de fundamental importância na relação estabelecida entre formação profissional e inserção neste mercado de trabalho. (OLIVEIRA, 2014)

Assim, não se pode afirmar, se o mundo do trabalho influencia a educação profissionalizante, ou se do contrário, são as vivências incutidas na educação através das instituições de ensino e suas práticas pedagógicas que moldam e refletem no mercado de trabalho, entretanto, os estereótipos precisam ser discutidos em âmbito familiar, educacional e de trabalho, para que possam ser repensados e alterados, afim de acabar com as desigualdades e discriminações de gênero, raça, etnia, entre outros, sendo obrigação de todos a promoção da igualdade e equidade.

7 CONCLUSÃO

Historicamente são observadas as manifestações contra a discriminação feminina, alavancadas e ganhando mais força, a partir da década de 1960, como a premissa principal de tornar visível aquelas que foram ocultadas, invisibilizadas durante muito tempo, tendo suas vidas rigidamente controladas por homens, impedindo que as mulheres tivessem participação igualitária nos vários segmentos da sociedade, intensificando as desigualdades sociais entre os sujeitos. (LOURO; 2014)

Dessa forma, os estudos feministas estiveram continuamente, preocupados com as relações de poder e hierarquia, instituídos social e culturalmente, e a opressão sofrida pelas mulheres através de marcadores sociais como gênero, classe, nacionalidade, etnia, entre outros, mas principalmente a partir do determinismo biológico. (LOURO; 2014)

Pode-se afirmar que as desigualdades de gênero são produzidas a partir da diversidade existente na sociedade, através da cultura e das tradições regionalizadas, onde a maneira de agir de homens e mulheres resultam do aprendizado sociocultural instruído durante o desenvolvimento do indivíduo, por meio da igreja, das instituições de ensino, da política, enfim, nas diversas instâncias da sociedade. (OLIVEIRA; 2014)

Assim sendo, percebeu-se que homens e mulheres não nascem com seus papéis e regras de comportamentos definidos, mas que aprendem a partir do que lhes é ensinado pelas instituições sociais e culturais. Diante disso, faz-se necessário compreender as relações entre os sujeitos, homens e mulheres, para que se possa intervir e estabelecer possíveis mudanças, num processo lento e delicado de desconstrução, para reconstruir novos modelos que sejam menos discriminatórios e preconceituosos. (CARVALHO (org.); 2003)

Através dos relatos dos sujeitos deste estudo, foi possível perceber discursos um tanto animadores em relação a superação das desigualdades de gênero, que ao mesmo tempo nos remetem a pensar nas atitudes e ideologias discriminatórias imbrincadas no cotidiano das pessoas, e que passam despercebidas pelo fato de estarem enraizadas como verdades absolutas que não são trazidas a consciência dos indivíduos.

De fato, houveram inúmeras transformações nas relações de gênero e na constituição das relações de poder na sociedade ao longo dos últimos anos, mas o discurso emergido das entrevistas para este estudo, de que não há discriminação e desigualdade de gênero na instituição pesquisada, aparentemente não retrata a realidade. Certamente os avanços na quebra de paradigmas nesta instituição tem ocorrido, entretanto, não na proporção demonstrada na

pesquisa, afinal ainda é alto o índice de evasão feminina nos cursos técnicos em evidência neste estudo, ou do contrário, o baixo índice de procura e inserção do público feminino nos mesmos.

Como colaboradora da instituição, acompanho no cotidiano, situações e relatos de alunas de todos os cursos e modalidades de ensino, a respeito de práticas e discursos permeados pela discriminação não explícita e incutidas muitas vezes, em julgamentos prévios, principalmente de incapacidade feminina, brincadeiras e piadinhas reproduzidas, por docentes, discentes e demais colaboradores. E confesso que, intrigada com os relatos emergidos desta amostra, resolvi conversar informalmente com alunas dos cursos de aprendizagem industrial para perceber se há divergência nas diferentes modalidades de ensino. Eis que, ouço relatos próximos daqueles que esperava ouvir das alunas dos cursos técnicos também, de que existe uma crença de incapacidade e inaptidão feminina nas áreas técnicas existentes na unidade do SENAI de Concórdia, e que estas concepções são propagadas tanto por docentes, como pelos colegas do sexo do masculino, sendo evidenciadas tanto na instituição, como também nos seus postos de trabalho como menores aprendizes nas indústrias da região, impossibilitando-as de desenvolverem de forma efetiva, as competências e habilidades necessárias para exercer as futuras profissões.

Ouvi destas alunas dos cursos de aprendizagem industrial, relatos extremamente discriminatórios de vivências cotidianas, que nos remetem a pensar se a modalidade de ensino, curso técnico profissionalizante ou aprendizagem industrial, interfere na incidência da discriminação de gênero devido a faixa etária dos alunos poder ser diversa, se o mercado de trabalho institui formas de ser e agir de acordo com a divisão sexual do trabalho, e destas possibilidades de análise surgem novas demandas de pesquisa para compreender as relações de gênero estabelecidas tanto neste mercado de trabalho, como na própria instituição de ensino profissionalizante.

Outro ponto a ser considerado neste estudo, é a oferta de cursos gratuitos pelo PRONATEC, que foram cruciais para a inserção das mulheres nos cursos técnicos do SENAI, pois tal inserção só ocorreu nas turmas cofinanciadas por este programa, ou seja, possibilitou-se o acesso a profissionalização por pessoas que não investiriam financeiramente em profissionalização, e que assim puderam se qualificar e buscar melhores condições de trabalho e vida, dentre elas as meninas/mulheres.

A sociedade e a comunidade regional, ainda percebe o SENAI como uma instituição voltada ao público masculino. Contudo, o discurso dos sujeitos da pesquisa, demonstram que, mesmo lentamente, as mulheres vêm galgando seu espaço nas áreas tecnológicas aqui destacadas, principalmente pelo fato de metade das alunas que concluíram os cursos no período

em evidência neste estudo, estarem cursando a graduação na área na qual fez o curso técnico, ou seja, buscando o ensino superior na área das Engenharias, e dessa forma desconstruindo modelos sociais impostos.

Vale ressaltar ainda, que ações devem ser repensadas por parte de todos os envolvidos no processo de qualificação dos indivíduos, e conseqüentemente da sociedade como um todo. Que a escola, como espaço formador de cidadãos conscientes do seu papel na sociedade, deve promover incansavelmente a discussão e reflexão sobre as desigualdades e a diversidade existentes, para que se possa desconstruir padrões e condutas estabelecidas culturalmente e que acabam por categorizar e discriminar indivíduos que não se adequam a categoria instituída.

Para finalizar, acredito que as considerações aqui expostas, podem servir de base para novas pesquisas e constatações, mas principalmente para promover a reflexão na sociedade e mais especificamente no contexto da instituição de ensino pesquisada, afim de auxiliar na erradicação dos estereótipos construídos ao longo da história do SENAI, bem como da sociedade heteronormativa na qual estamos todos, inseridos.

REFERÊNCIAS

- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo: a experiência vivida**. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.
- BRASIL. **LEI nº 12.513, de 26 de outubro de 2011**. Dispõe sobre a instituição do Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec). Disponível em <https://bc.tic.fiescnet.com.br/kb_upload/file/L12513.pdf> Acesso em 12 out. 2016.
- BRASIL. **Manual de gestão da bolsa-formação**. MEC: 2011. Disponível em <https://bc.tic.fiescnet.com.br/kb_upload/file/Manual%20de%20Gestao%20da%20Bolsa%20Formacao%20-%20v_%20novembro%20de%202011.pdf> Acesso em 12 out. 2016.
- CARVALHO, Marília Gomes de (Org.). **Relações de gênero e tecnologia**. Curitiba, Editora CEFET-PR, 2003.
- COSTA, Maria Raimunda Nunes da. *et al.* **O desafio da docência no processo de construção da identidade de gênero**. Disponível em <<http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/viewFile/403/202>> Acesso em 01 jul. 2016.
- DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico. **Revista Interdisciplinar Científica Aplicada**, Blumenau, v.2, n.4, p.0113, Sem II. 2008
- DUARTE, Geovanna Passos. **Relações de gênero no currículo de uma escola profissionalizante: o caso dos cursos técnicos de mecânica e química**. Disponível em <<http://www.anpae.org.br/simposio2011/cdrom2011/PDFs/trabalhosCompletos/comunicacoesRelatos/0202.pdf>> Acesso em 02 jul. 2016
- Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. **Projeto pedagógico: vigência 2016**. Florianópolis: SENAI/SC, 2016.
- Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. **Perfil profissional e desenho curricular: curso técnico em mecânica**. Florianópolis: SENAI/SC, 2015.
- Federação das Indústrias do Estado de Santa Catarina. **Perfil profissional e desenho curricular: curso técnico em eletrotécnica**. Florianópolis: SENAI/SC, 2015.
- GOMES, Jefferson de Oliveira. **SENAI quer mais mulheres em carreiras de tecnologia e na indústria 4.0**. Diário Catarinense, 16 out. 2016. Entrevista a Estela Benetti. Disponível em <<http://dc.clicrbs.com.br/sc/colunistas/estela-benetti/noticia/2016/10/senai-quer-mais-mulheres-em-carreiras-de-tecnologia-e-na-industria-4-0-7805731.html?pagina=10>> Acesso em 20 out. 2016.
- GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Z.; LOZANO, Marie-Anne; MAGRINI, Pedro Rosas (org.). **Livro I – Módulo I – Introdução a tecnologia do ensino a distância; diversidades, diferenças e interculturalidade; gênero: um conceito importante para o conhecimento do mundo social**. Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero - Centro de Filosofia e Ciências Humanas - Universidade Federal de Santa Catarina, 2015.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MORO, Cláudia Cristine. **A questão de gênero no ensino de ciências**. Chapecó: Argos, 2001.

OLIVEIRA, Sandra Maria Roque de. **O discurso da diferença entre homens e mulheres no IFPE Recife, século XXI**. 2014. 309 p. Tese (doutorado) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, 2014.

ORLANDI, Eni Puccineli. **Análise do discurso**: princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 1999.

SENAI. Departamento Nacional. **Metodologia SENAI de educação profissional**. Brasília: SENAI/DN, 2013.

SERVIÇO NACIONAL DE APRENDIZAGEM INDUSTRIAL/DEPARTAMENTO NACIONAL. **Orientações para as escolas do SENAI no atendimento à diversidade**. Brasília: SENAI/DN, 2010.

SILVA, Luciano Pereira da. Formação profissional no Brasil: o papel do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial - SENAI. **História**, Franca, v. 29, n. 1, p. 394-417, 2010 . Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-90742010000100022&lang=pt> Acesso em 20 nov. 2016.

APÊNDICES

Apêndice 1 – Entrevista**ENTREVISTA ESTRUTURADA**

Nome: _____ IDADE: _____

Estado Civil: _____

Tem filhos? ()SIM ()NÃO Quantos? _____

Onde mora: _____

Trabalha? ()SIM ()NÃO Qual a Profissão ou área de atuação? _____

O que cursou no SENAI? _____

Qual foi o turno do curso? ()Matutino ()Vespertino ()Noturno

Porque escolheu este curso?

Gostou do curso? Porque?

Como você se sentia durante o curso (foi bem acolhida pelos professores, colegas e instituição)?

Quais foram as suas primeiras impressões sobre os ambientes da instituição (salas de aula e laboratórios)? Você se sentiu à vontade neste ambiente?

Como foi o convívio com os colegas homens e mulheres? Em algum momento você se sentiu discriminada por ser mulher?

Quais dificuldades encontradas durante o curso (de aprendizado técnico ou discriminação e preconceito)? Você relaciona algumas destas dificuldades ao fato de você ser mulher/?

Em sua opinião, o fato de ser mulher influenciou o seu desempenho no curso? De que forma?

Você sofreu algum tipo de discriminação ou preconceito por parte de professores/as?

ANEXOS

ANEXO 1 – Autorização para pesquisa na Instituição



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA - UFSC
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFH
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO - IEG
ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA - GDE

Florianópolis, 12 de setembro de 2016.

Ao SENAI – Concórdia/SC

Prezado Senhor **Diretor Volnei Cesar Magedanz**, encaminhamos uma solicitação de autorização de pesquisa na referida escola.

Pelo presente declaramos que **Maiara Schwanke** é aluna regularmente matriculada no Curso de Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC, já tendo concluído os créditos teóricos do curso e estando em fase de elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Desse modo, a autorização de parceria dessa unidade, no sentido de autorizar a aluna a realizar sua pesquisa, que contribuirá substancialmente para o fortalecimento das pesquisas em educação.

Colocamo-nos à disposição para qualquer esclarecimento

Prof.ª Dr.ª Olga Regina Zigelli Garcia
Coordenadora do Curso de Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola

Universidade Federal de Santa Catarina Campus Universitário Reitor João David Ferreira Lima
Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) - Bloco D, Sala 201. Fone: (48)3721-6440
E-mail de contato: gdeufsc2015@gmail.com

Volnei Cesar Magedanz
Diretor
SENAI/Concórdia

ANEXO 2 – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____

RG _____ residente _____

_____ abaixo assinada/o, fui informada/o e convidado/a a participar da pesquisa: RESSIGNIFICANDO A INSERÇÃO DA MULHER NOS CURSOS TÉCNICOS DE MECÂNICA E ELETROTÉCNICA, realizada pela aluna do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola Maiara Schwanke cujo objetivo é analisar a inserção das mulheres nos cursos técnicos de mecânica e eletrotécnica no período de 2011 a 2016 na unidade do SENAI de Concórdia – SC.

Foi-me garantido que tudo que eu responder será confidencial e que meu nome será mantido em sigilo.

Fui informado/a que não estarei correndo risco decorrente de estar participando da referida pesquisa. Também fui informado/a que tenho o direito de não responder a qualquer pergunta que não deseje e que em qualquer momento, posso desistir de participar da pesquisa, sem que isto me traga qualquer tipo de prejuízo.

Para qualquer esclarecimento, poderei entrar em contato com a prof. orientadora Dra. Janine Gomes da Silva ou com a pesquisadora Maiara Schwanke no telefone (49) 9966 7576.

Concórdia - SC, Outubro de 2016.

Assinatura da participante ou impressão digital: _____

Assinatura do/a pesquisador/a: _____